

## Em busca de novas Arcas de Noé: redenção e devoção à luz da literatura de espiritualidade na Península Ibérica (séculos XVII–XVIII)

In search of new Arks of Noah: redemption and devotion in the light of the literature of spirituality in the Iberian Peninsula (XVII<sup>th</sup>–XVIII<sup>th</sup> centuries)

**Paula Almeida Mendes**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto – CITCEM  
paula\_almeida@sapo.pt

**Palavras-chave:** Arca de Noé, literatura, espiritualidade, hagiografia, séculos XVII–XVIII.  
**Keywords:** Ark of Noah, Literature, Spirituality, Hagiography, XVII<sup>th</sup> and XVIII<sup>th</sup> centuries.

O aparecimento da imprensa de caracteres móveis, graças ao importantíssimo contributo de Johannes Gutenberg, provocou alterações profundas no âmbito da produção do livro – que, paulatinamente, vai mostrando uma crescente autonomização em relação aos padrões gráficos característicos do códice medieval (texto disposto em colunas, caracteres góticos, inclusão do colofão e de xilogravuras, entre outros aspetos) –, promovendo uma múltipla difusão de textos de tipologia diversa e contribuindo, em larga medida, para que se operasse uma evolução cultural na Europa ocidental (Grafton, 1980, pp. 265–283; Eisenstein, 1994; Braidá, 2000; Barbier, 2006), ainda que, como é bem sabido, o manuscrito não tenha perdido o seu estatuto, legitimado por uma ancestral lógica de prestígio e ostentação. As obras que se inscrevem no filão da literatura religiosa ou de espiritualidade foram aquelas que, desde os primórdios da imprensa e durante largo tempo, mereceram, muito especialmente, a atenção por parte dos prelos, levando-nos, assim, a subscrever as palavras de Ugo Rozzo, segundo as quais o livro impresso, quando nasce, é religioso (Rozzo, 1994, p. 137). Neste enquadramento, destacam-se, nomeadamente nos países de matriz católica, as “Vidas” de santos, beatos, veneráveis e “varões e mulheres ilustres em virtude”, cujos propósitos imediatos residiam na glorificação da personagem em questão, na edificação espiritual e na promoção do seu culto – e, em muitos casos, servir de estímulo à beatificação ou canonização desses “cristãos excepcionais” (Carvalho, 1988; Mendes, 2012; Mendes, 2017)–, assim como obras relacionadas com a liturgia, manuais de confissão, sumas de casos de consciência, martirologios,

crónicas religiosas, livros de milagres ou de peregrinações, constituições sinodais, obras de ascética ou comentários e paráfrases da Bíblia (Fernandes, 2000, pp. 187-193; Santos, 2002, pp. 165-169). Trata-se, portanto, de um filão literário que se amplifica no contexto da Contrarreforma, que, como é sabido, estimulou uma produção maciça de obras de natureza religiosa e de espiritualidade, de função normativa e paradigmática, que se inscreve na moldura de uma estratégia ofensiva que visava o disciplinamento e modelização dos comportamentos e das práticas devocionais dos fiéis (Caffiero, 1994, pp. 265-278) e que se foi impondo como uma espécie de “literatura alternativa”, face ao filão constituído pela literatura de ficção, considerada perigosa, porque “lasciva” ou “desonesta”, sobretudo para mulheres e jovens (Andrade, 1955, pp. 455-457; Bataillon, 1995; Osório, 2001, pp. 9-34; Santos, 2012).

Em regra geral, esta literatura religiosa e de espiritualidade escora-se em uma muito significativa recorrência a obras, sobretudo de autores cristãos, que funcionam como uma espécie de “autoridades”. Deste modo, configuram-se como textos em que, na esmagadora maioria dos casos, os autores mostram a sua erudição, fazendo, naturalmente, coagular o peso de que se reveste a cultura escrita, contribuindo para acentuar um “movimento de erudição eclesiástica” – para usarmos a feliz expressão de Bruno Neveu – especialmente nos espaços de matriz católica, ao longo do século XVII (Neveu, 1994). E, nesse sentido, torna-se compreensível que, em uma época em que tanto se valorizou não apenas o disciplinamento social e a recusa de tudo quanto pudesse por em causa a ordem normal da sociedade (Maravall, 1980), mas também mimetismos vários, que contribuíram para a emulação de diversos modelos, considerados paradigmáticos, para imitação, a literatura desta natureza insista, em larga medida, no exemplo modelar de Cristo – que funciona como “O Paradigma” a imitar<sup>1</sup> –, em um período que tanto valorizou a devoção à Sua Humanidade, sobretudo a dimensão da Paixão (Carvalho, 1970), mas também a recuperação de figuras bíblicas – do Antigo e do Novo Testamento – ou de episódios bíblicos.

É preciso não perder de vista que, por estes tempos, a Bíblia era ainda considerada o paradigma de interpretação do mundo, ou seja, cria-se que toda a História da humanidade estava condensada e codificada na Bíblia: de resto, bastará recordar que se considerava que o Novo Testamento era uma espécie de reatualização – ou, pelo menos, de aproximação ou de reconciliação – do Antigo Testamento (Cardoso, 1987). Deste modo, torna-se compreensível que a Bíblia constitua o macro-código que, desde cedo, alimentou a produção de textos que se inscrevem em várias e diversas tipologias literárias, através de múltiplas releituras, revisitações e reatualizações (Frye, 2002; Carvalho, 2005, pp. 155-171). E, portanto, parece-nos ser neste contexto, brevemente esboçado, que se inscreve a revalorização da figura de Noé e do episódio veterotestamentário que tem Noé e a sua Arca como protagonistas. Por outro lado, haverá que acentuar o prestígio de

<sup>1</sup> Neste sentido, não nos deve causar estranheza o facto de o modelo do mártir constituir, desde o Cristianismo primitivo, o “Modelo” de santidade por excelência, na medida em que, ao dar a vida em prol da sua fé, imitava plenamente o paradigma de Cristo (Barcellona, 1994, pp. 9-18).

que se revestiam muitas figuras bíblicas, cuja existência se ancorava em tempos ancestrais, mais próximos da criação do mundo, envoltos em uma certa nostalgia das origens, no caso das do Antigo Testamento, ou então na época em que Cristo tinha vivido e com Ele conviveram de perto, no caso das do Novo Testamento. Mas é também bem sabido como uma quase maciça e obsessiva busca de semelhanças e a utilização de analogias constituíram recursos recorrentes na literatura medieval e na literatura moderna, coagulando um discurso travejado por várias e diversas comparações, escoradas na autoridade da Sagrada Escritura, ornando os textos com uma visível exuberância retórica que os tempos do Barroco tanto valorizaram... Por outro lado, estas obras que, ao longo da Época Moderna, sobretudo no quadro da Contrarreforma, procuraram reunir ou divulgar as “Vidas” de várias personagens bíblicas – lembremos outras obras da mesma natureza editadas na Península Ibérica, tais como o *Epitome y sumario de la vida y excelências de trece Patriarcas del Testamento nuevo, y de nueve muy esclarecidas Santas* (Sevilla, 1555) de Fr. Domingo Baltana Mejía, *El Governador christiano deducido de las vidas de Moysen, y Iosue, Principes del Pueblo de Dios* (Salamanca, Francisco de Cea Tesa, 1612) de Fr. Juan Marquez (O.S.A.), *El gran padre de los creyentes Abrahan, en Moral enseñanza, i dotrina Predicable* (Madrid, María de Quiñones, 1636) de Fr. Diego Niseno, *El Politico del cielo. Primera Parte. Hallado en las misteriosas acciones del Sagrado Patriarca Isac* (Madrid, María de Quiñones, 1637) e *Segunda parte del politico del cielo. Hallado en las misteriosas acciones del sagrado Patriarca Iacob* (Madrid, María de Quiñones, 1638), ambas de Fr. Diego Niseno – ou cristãs, valorizando as suas virtudes heroicas e a sua fé, configuravam-se como altos exemplos que se pretendia que “ofuscassem” e rivalizassem com as figuras pagãs que muitas obras humanistas, na linha de textos como o *De Viris Illustribus* de Petrarca, que se inscrevia no contexto da redescoberta da biografia clássica, nomeadamente das obras de Plutarco e de Suetónio, ou, no caso feminino, de *De mulieribus claris* de Boccaccio – ou então relacionadas com a “Querelles des femmes”, foram evocando ou biografando (Fernandes, 1999, p. 15).

Desde o Cristianismo primitivo, alguns autores formularam e propuseram interpretações alegóricas para Noé e a Arca. Na primeira Carta de Pedro, lemos que as oito pessoas que foram salvas das águas do Dilúvio são consideradas os precursores da salvação através do batismo (I Pe, 3, 19–22), assim como Santo Agostinho, na sua *Cidade de Deus*, mostrou que a Arca de Noé simboliza Cristo e a Igreja (Santo Agostinho, 1993, pp. 1413-1415).

Deste modo, a Arca surge associada à catástrofe, mas também à redenção e à segurança, na medida em que se configura como um “porto seguro” e um refrigerio: e, neste sentido, estes motivos percorrem grande parte da literatura, embora seja importante não perder de vista que a temática em torno da Arca de Noé se tenha declinado também no domínio das artes visuais (Lezzi, 1994, pp. 301-324). Por outro lado, é importante ter em conta que o contexto histórico e cultural da Época Moderna europeia não poderia deixar de ter um peso significativo na construção discursiva das obras da época e das problemáticas que estas equacionam. Esses tempos, que coincidem com os períodos do Maneirismo e do Barroco, foram, efetivamente, testemunhas de uma ambiência de desalento, de agonia, em tudo contrastante com a moldura de exaltação do Homem (da *dignitas hominis*)

que caracterizou o Renascimento, e que, no caso português, foi acentuada pelas consequências do desastre de Alcácer-Quibir, que conduziram, como é sabido, à perda da independência do reino e também da sua identidade, na sequência do desaparecimento de D. Sebastião. Em uma moldura marcada pela consciência da mesquinhez do Homem – aliás, é recorrente, em vários textos produzidos por esses tempos, o tema do *Homo homini lupus* (Pires, 1991, pp. 269-275) –, condicionado pela inexorável marcha do tempo e pela efemeridade da vida –, a quem só resta, se pretender encontrar algum refrigério na vida terrena, adotar um ideal pautado pelo *contemptus mundi* e voltar-se para Deus, na esperança de alcançar a salvação eterna. São, de facto, tempos profundamente marcados, no domínio literário, pelo estoicismo, mas que relevam, também, em larga medida, da centralidade de Santo Agostinho e da sua obra no contexto religioso e cultural do século XVII (Domingues, Gala & Gomes, 2000).

E, nesse sentido, vamos encontrar, em várias obras que se inscrevem no abundante veio da literatura religiosa e de espiritualidade, tanto portuguesa, como espanhola, várias referências a Noé e à sua Arca, ao longo da Época Moderna, enquanto símbolo de redenção e de esperança de salvação, que não poderão, tanto quanto nos parece, ser dissociados de uma mundividência barroca, com raízes ancoradas no Maneirismo.

Vemos, por exemplo, o tema presente, desde logo, no título de alguns textos: lembremos a *Comedia Famosa El Arca de Noé* (Barcelona, 1756), cujas personagens são Noé, a sua mulher, filhos, noras, o demónio e um anjo, e, no caso português, a obra *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Alegórico e moral* (1734) do jesuíta Alexandre de Gusmão, que utilizando a alegoria como registo privilegiado para a transmissão de conteúdos didácticos de carácter doutrinário, explora o tradicional sentido simbólico do corvo e da pomba, como figuras do pecado e da virtude, respetivamente. O episódio bíblico polarizado em torno da construção da Arca e do Dilúvio havia já merecido a atenção de Pietro Aretino, em *Il Genesi con la visione di Noè ne la quale vede i misterii del Testamento Vecchio e del Nuovo, diviso en tre libri* (1538).

Recuperando interpretações da Patrística (a título de exemplo, lembremos a “Homília sobre a Dormição” (I, 8), de São João Damasceno), a figura da Virgem Maria é, em um núcleo muito significativo de obras religiosas ou de espiritualidade, comparada à Arca de Noé: disso são exemplo as várias “Vidas” da Virgem, editadas ao longo da Época Moderna<sup>2</sup> ou alguns sermões do Padre António Vieira,

<sup>2</sup> A título de exemplo, valerá a pena lembrar as várias “Vidas” de Maria editadas em Portugal ao longo da Época Moderna: Pinelli, Padre Luca (1626). *Historia da vida da Virgem Maria Senhora Nossa tirada dos Santos Padres com suas meditações, e acrescentada com orações, e ladainhas, e milagres da mesma Virgem*. Tradução de António Vaz de Sousa. Lisboa: por Antonio Alvares (teve várias reedições); Fernandes, Padre António (S.J.) (1652). *Vida da Santíssima Virgem Maria, mãe de Deus, senhora nossa* (tradução). Goa: no Collegio de S. Paulo; Vasconcelos, Manuel Mendes de Barbuda e (1667). *Virginidos, ou Vida da Virgem Nossa Senhora. Poema heróico, dedicado à magestade da Rainha Dona Luísa*. Lisboa: por Diogo Soares Bulhões; Novarino, Padre D. Luís (1737). *Vida de Maria no ventre de Santa Anna*. Tradução do Padre António dos Reis (C.O.). Lisboa: na Officina da Congregação; Agreda, Soror Maria de Jesus de (1738). *Maria Santíssima, Mystica cidade de Deos. Breve*

sobretudo alguns que se inscrevem na série “Maria Rosa Mystica”. De facto, são textos que traduzem a centralidade da devoção mariana, que se revestiu de um peso importantíssimo nos tempos da Contrarreforma, que tenderam a realçar a sua importância enquanto paradigma de santidade feminina, a sua maternidade divina, escorada no mistério da Encarnação, a sua perpétua virgindade e o seu papel enquanto intercessora e pacificadora entre Deus e os homens (Mendes, 2018, pp. 73-100).

No sermão XVI da série *Maria Rosa Mystica. Excellencias, poderes, e maravilhas do seu rosario* (II Parte, Lisboa, 1688), o Padre António Vieira, retomando as palavras de São Bernardo, sublinha que “Na Arca de Noé foi significada a excellencia de Maria [...]. Aquella fabricada por Noé, esta por Christo: aquella para se salvarem então os poucos, que conservarão a vida temporal: esta para se salvarem depois todos os que alcanção a vida eterna. Notai agora a propriedade da semelhança, que não pode ser maior, nem mais adequada. No diluvio de Noé todos os que ficarão fóra, se perderão: & cõ tal necessidade de se salvar, ou perder no meyo de dous impossíveis; que nem os de fóra podião deixar de se perder, nem os de dentro podião deixar de se salvar; porque para que huns não podessem entrar, nem outros sair, tinha Deos por sy mesmo fechado a Arca. Do mesmo modo nesta tempestade universal da vida, & do mundo, em que todos fluctuamos, & tantos naufragão. Os que estão dentro na Arca, isto he, debaixo da protecção de Maria, todos se salvão: os que estão fóra della, todos se perdem: & huma, ou outra cousa tam infalivelmente, debaixo desta suposição (a qual depende de nós) que os que se perdem, necessariamente se perdem [...]; & os que se salvão, impossível he que se não salvem”; e “entre os devotos da Senhora, os que rézão o seu Rosario, são os que gozão esta soberana prerrogativa cõ especial assistência do Ceo, & respeito à mesma devação: Na mesma Arca, & no mesmo diluvio temos conta por conta as do Rosario” (Vieira, 1688, pp. 27-28).

Um outro exemplo que declina o recurso ao texto veterotestamentário poderá ser encontrado na *Vida de la bienaventurada Madre Soror Maria Magdalena de Pazzi*. (Lisboa: por Geraldo da Vinha, 1626). O autor, o carmelita Fr. Luís de Mértola, narra-nos que “Em 1592 vio nuestra santa estando em raptio una paloma muy blanca, la cual como la outra de la arca de Noe desseava poner sus pies en alguna parte” (Mértola, 1626, p. 55). Deste modo, ao realçar a presença da pomba, em tudo igual à do episódio bíblico, o autor parece-nos associar esta ave, conotada comumente com a virtude, à própria virtude de Santa Maria Madelena de Pazzi que se configura como um aspeto central para a perceção e a cristalização da *fama sanctitatis* daquela religiosa carmelita, para além de, como nos parece, refletir, de modo muito significativo, a progressiva valorização do modelo de santidade mística, que, como é sabido, havia começado a se afirmar na Baixa Idade Média, sobretudo na esfera feminina, como adiante chamaremos a atenção, e que, devido aos aspectos que a caracterizavam e sustentavam, causou, numa primeira fase, algumas reservas por parte das autoridades eclesiásticas que se mostraram, de

---

*compendio da vida e mysterios de Maria*. Tradução do Padre Francisco da Fonseca (S.J.). Lisboa: por Domingos Gonçalves.

resto, um pouco “desorientadas” face a esta nova pauta de “santidade” (Vauchez, 1988, pp. 472-478; Dinzelbacher, 1991, pp. 489-506; Dinzelbacher & Bauer, 1993).

Um outro caso que não será despidiendo evocar escora-se na associação dos mosteiros e dos conventos à Arca de Noé, refletindo e coagulando, por sua vez, interpretações da Patrística, reatualizadas à luz da Contrarreforma.

Com efeito, os tempos pós-Trento elaboraram um modelo de santidade, ou, pelo menos, de vida cristã “perfeita”, no qual a inserção em uma estrutura religiosa – ou seja, a vida consagrada – assume uma importância determinante no quadro da percepção da “santidade”. Efetivamente, após o Concílio de Trento, acentuou-se uma preocupação em regulamentar as diversas formas de vida religiosa, relegando para segundo plano os estados “semi-religiosos”, ainda que estes fossem, no início da Época Moderna, uma das expressões mais características da Contrarreforma. Um dos aspetos mais problemáticos foi o da regulamentação da estrita clausura, pois a redação do decreto sobre esta matéria deixava margem a ambiguidades, no que dizia respeito à inclusão das ordens terceiras. Deste modo, tendo em vista a sua aplicação prática, o papa Pio V, em 1566, decreta a constituição *Circa Pastoralis*, que justifica a obrigação à clausura, no âmbito das ordens terceiras (Conrad, 1996, pp. 414-437).

Esta moldura reveste-se de uma importância especialmente central no caso da santidade feminina, tanto mais que a Contrarreforma corresponde cronologicamente a um período em que muito se valorizou as virtudes comumente associadas ao género feminino – sobretudo a castidade – e em que as críticas às “ vaidades ” não pararam de subir de tom, a partir do século XVII. Lembremos, a título de exemplo, a obra *Afeite y Mundo Mujeril* de Fr. António Marqués, que, a seu modo, traduzia o incómodo que se fazia sentir em determinados setores eclesiásticos no que dizia respeito às “ vaidades ” femininas (os perfumes, pós, “afeites” e cosméticos, que eram considerados sinais de vaidade e luxúria). Ainda que tivessem surgido recomposições religiosas, políticas e sociais, como, por exemplo, a da problemática da espiritualidade do casamento e da possibilidade de “santificação” dos casados, como já o mostraram os estudos de Maria de Lurdes Correia Fernandes (Fernandes, 1995), que foram alterando profundamente as representações de santidade, a verdade é que a espiritualidade daqueles que viviam no século era vista pelo prisma do claustro e condicionada pelo forte ascendente do modelo religioso, apesar de se defender que a salvação era algo acessível a todos, independentemente do seu estado.

A título de exemplo, evoquemos a obra *Vida, virtudes y milagros de la bienaventurada Virgen Teresa de Jesus, Madre y Fundadora de la nueva Reformation de la Orden de los Descalços y Descalças de Nuestra Señora Del Carmen* (Lisboa, 1614) de Fr. Diego de Yepes, onde os mosteiros são considerados novas (ou renovadas) Arcas de Noé (Yepes, 1614, p. 269). Ao exaltar o papel de Santa Teresa como reformadora da Ordem dos carmelitas, Fr. Diego de Yepes sublinha que foi o zelo de salvação das almas que norteou a acção da religiosa: “la saluacion de muchas almas, que encerradas en sus Monasterios, como en otra Arca de Noe, esperaba se auian de salvar, y servir a Dios com gran entereza, y perfeccion de vida” (Yepes, 1614, p. 263).

O capucho Fr. Martinho do Amor de Deus, na *Escola de Penitencia, Caminho de perfeição, estrada segura para a vida eterna. Chronica da Santa provincia de Santo Antonio da regular e estreita observância da ordem do seráfico Patriarca S. Francisco* (Lisboa, 1740) também associa a representação da Arca de Noé a conventos da ordem a que pertence (Amor de Deus, 1740, p. 110). Nesse sentido, quando se refere à fundação e história da Província de Santo António, em Portugal, refere o caso do convento de Mosteiró, em Viana do Castelo. Este convento funcionou como asilo, nas primeiras décadas do século XVII, para religiosos castelhanos e galegos, que Fr. Martinho do Amor de Deus denomina como “cismáticos”: “a Casa de Mosteirô foy a Arca do Serafico Noé, onde se salvou a sua pequena Familia no diluvio do scisma. [...] vinhão aqueles aflitos religiosos a buscar refugio em Portugal, onde acharão o abrigo dos Portuguezes, e no recolhimento da Casa de Mosteirô se lhe figurou a arca, dando a nosso Padre o nome de Serafico Noé” (Amor de Deus, 1740, p. 110). Ou seja, se, para Noé, a arca foi refúgio, o mosteiro foi também, tal Arca de Noé, um refúgio para os religiosos estrangeiros que buscaram asilo em Portugal.

A associação entre os mosteiros e a Arca coagula-se também na *Quarta Parte da História de São Domingos*. A comprová-lo, permitimo-nos referir a passagem, que poderá funcionar como exemplo válido, em que o seu autor, Fr. Lucas de Santa Catarina, exalta, muito compreensivelmente, o comportamento de D. Joana de Castro, condessa de Vimioso e fundadora do mosteiro do Sacramento de Lisboa: “A Condessa, que levantando os muros, em que gastara o que possuía, foi a primeira, que do diluvio da terra se recolheu àquela arca, que fabricara” (Santa Catarina, 1977, p. 549).

No I tomo da *Chronica de carmelitas descálços Particular do Reyno de Portugal y Provincia de Sam Felippe* (Lisboa, 1657) de Fr. Belchior de Santa Ana, encontramos a associação entre um religioso carmelita, Fr. Batista da Trindade, e a pomba da Arca de Noé (Santa Ana, 1657, p. 734). Neste sentido, o cronista carmelita recupera as palavras de Fr. Batista da Trindade, de molde a comprovar este paralelismo: “Não vos posso negar (respondeo elle) que no mundo ha salvação [...] Se a pomba, que Noe lançou da Arca, não quis pousar nem descansar nos altos dos montes, que já estavam descobertos, porque não deu por seguros montes, que entre ondas podião outra vez ser alagados, & quando menos estavam ainda enlodados. Como me darei eu por seguro nos estados do mundo, que são montes meios alagados, entre ondas de vícios, que continuamente os batem e combatem; & ou os cobrem e alagão por cima, ou os escavão, ou contraminão por baixo de modo, que os que estão nelles, se achão em hum momento afogados. Como a Pomba se recolheu à Arca, quero eu recolherme à Religião” (Santa Ana, 1657, p. 734).

Um outro caso que poderá ser respigado nas fontes consultadas mostra-nos que alguns religiosos foram comparados a Noé. Importará, naturalmente, realçar que mimetismos vários configuram a escrita de “Vidas” e os modelos de santidade por elas espelhados, visando assim uma estratégia que visava seduzir e fascinar os leitores, “convidando-os” a adotar um comportamento igual ou semelhante ao dos biografados. Deste modo, a comparação com figuras vetero ou neotestamentárias ou com santos, sobretudo aqueles que gozavam de uma larga fortuna hagiográfica, era um recurso retórico largamente utilizado pelos

hagiógrafos e biógrafos devotos, contribuindo para afirmar e sustentar a excepcionalidade espiritual e, conseqüentemente, a *fama sanctitatis* desses varões e mulheres “ilustres em virtude”.

O capucho Fr. Manuel de Monforte, na *Chronica da provincia da Piedade* (Lisboa, 1751), narra-nos que, na casa de Nossa Senhora do Paraíso, em Silves, ficou, durante a noite, um religioso (cujo nome nos ocultou o tempo), “a orar sobre hum pequeno tabernáculo de madeira [...]; afervorou-se tanto seu espirito, que ficou em extase, privado totalmente dos sentidos, porém sempre de joelhos, como estava. Levantou-se neste tempo huma tormenta, e foi tanta a agua, que choveo”, que “foi bastante para que os Frades se vissem em perigo; porque a Igreja, claustro, e oficinas inferiores todas se encherão de agua, e alagárão de maneira, que não era possível entrar alguém nellas”. Quando entraram na Capela, “virão ao Frade, que estava orando sobre o tabernáculo que como outro inocente Noé, mettido em a Arca, andava sobre as aguas navegando. Era muito para ver tal espectáculo: porque estava o contemplativo Religioso com as mãos e olhos levantados ao Ceo, e tão devoto, que causava grande devoção a quem o via.

Quanto as aguas mais cresciam, mais se hia o tabernaculo sobre ellas levantado, e nem por isso o Santo Frade sentia cousa alguma”, “pois enquanto a enchente não vasou, sempre andou na mesma forma, e postura sobre as aguas, de huma parte da Igreja para a outra”: até que “Cousa maravilhosa! Despertou elle então daquele suave sono, e sem dar fé das cousas, que tinham acontecido, e por elle passado, com muito repouso, e quietação se foi para a sua cella, e recolhimento: de quem se pode muito bem dizer, que esteve não em a Arca de Noé, senão em o Paraiso, em quanto passarão as aguas do diluvio” (Monforte, 1751, pp. 211-212).

Um outro exemplo em que a Arca de Noé assume novos significados ou configurações, nomeadamente relacionados com o uso de objetos de devoção, como o crucifixo, pode ser encontrado na *Vida de la Venerable Mariana Villalva y Vicente y de las de sus três hijas Sor Maria, Sor Margarita, y Sor Mariana escobar, del Orden de nuestra Señora del Carmen, en su convento de la Encarnacion de la ciudad de Zaragoza* (Pamplona, 1761), escrita por Fr. Roque Alberto Facidel.

Na “Vida” de soror Maria de Escobar, filha da Madre Mariana Villalva y Vicente, o autor dedica uma significativa atenção à devoção que esta religiosa carmelita nutria pela Paixão de Cristo, de que é exemplo o capítulo 11, que ele intitula “La comunica el Señor segunda vez sus sacratísimas llagas, en vision solamente, y le dá una Cruz, que sirva como Arca de Noé”: “En el Domingo, en el qual se dice, que mandò Dios à Noé, que hiciesse una Arca (en el Domingo de la Sexagesima) para salvar en ella à si mismo, y à todos los animações, por el Diluvio, pedí yo à mi Dios, què a lo Espiritual, que Arca podria edificar, para que el diluvio de mis gustos no me anegasse? Y me mostro el Señor una Cruz harto grande, diciendome: que los enclavasse en ella, esto es, por la mortificacion, y que de esta manera haria una bella, y firme Arca, en la qual me conservaria sin mancha, ni cosa fea, hasta el dia postrimero del Juicio mio, en que Dios me ha de pedir cuenta estrecha” (Facidel, 1761, p. 259).

Com efeito, este exemplo ilustra como, na moldura das devoções e da meditação, a Paixão de Cristo assume, tanto entre as casas religiosas masculinas e femininas, como também entre os leigos, um lugar de destaque, refletindo, assim,



a influência que esta exerceu ao nível da espiritualidade dos séculos XVI e XVII, na linha das místicas medievais, sobretudo de Santa Gertrudes de Helfta (Carvalho, 1981): com efeito, por estes séculos, sublinha-se sempre a dimensão da humanidade de Cristo, sobretudo a dimensão da Paixão – o Cristo sofrente –, bem ilustrada no domínio da literatura e da iconografia, sendo esta uma representação já distante da do Cristo *Pantocrator* dos primeiros séculos. É muito comum encontrar, nas “Vidas” de santos e nas “Vidas” devotas editadas ao longo dos séculos XVII e XVIII, a inclusão de uma imagem/gravura em que o/a biografado/a, não raras vezes com lágrimas no rosto, surge representado/a ao lado do crucifixo.

Os exemplos evocados parecem-nos, efetivamente, mostrar que a Bíblia continua a funcionar, por estes tempos, como um macro-texto. De facto, os autores dos séculos XVII e XVIII, declinando estratégias e recursos retóricos, recuperam e revalorizam, neste caso concreto, o episódio da Arca e a figura de Noé, revestindo-os de novos (ou renovados) significados ou configurações, reatualizados à luz do contexto da Contrarreforma e, naturalmente, dos tempos barrocos, marcados por uma mundividência pautada pelo desalento, pela agonia, pela efemeridade e pela passagem inexorável do tempo, que, como já sublinhou Emilio Orozco Díaz (1970, pp. 57-59), é o grande protagonista do drama barroco (ainda que esta dimensão coexista com uma outra moldura, caracterizada pela ambiência de festa, da urgência do *carpe diem*, porque a vida é efémera e pode terminar a qualquer momento).

Aos cristãos, se pretendem encontrar algum refrigério e alcançar a vida eterna, só lhes resta assumir uma postura devota, escorada no afeto e devoção à Virgem Maria e a Cristo e, preferencialmente, optar pelo estado religioso, preservados do mundo e dos seus alicerces culturais. Se o Renascimento insistira na exaltação do Homem e da sua dignidade, o Maneirismo e, posteriormente, o Barroco irão contrariar essa moldura, apelando para uma conceção pessimista do homem e da vida, que se manifesta na consciência de que o homem é um ser miserável e corrupto, apenas redimível pela graça de Deus. Esta atmosfera agónica potenciará uma inclinação de natureza espiritual e religiosa, pautada, em larga medida, pelo ascetismo, declinada na literatura e também na arte.

A opção pelo estado religioso e pela vida consagrada, a adoção do ideal de *contemptus mundi* e de práticas espirituais e devotas, almejando um ideal de vida cristã perfeita, a busca de lugares longe do bulício do mundo, pautados por uma ambiência de segurança, como os mosteiros, declinam uma moldura escorada no e tributária do exemplo de Noé e da centralidade de que se reveste a Arca. Neste sentido, estas dimensões assumem um destaque fundamental, no sentido de reconhecimento da santidade daqueles que optaram pelo ingresso na vida religiosa, praticando as virtudes teologais e cardeais na segurança dos mosteiros, ou seja, no interior de novas “Arcas de Noé”. Por outro lado, importa também notar que objetos de devoção, como, por exemplo, o crucifixo, se configuram como renovadas Arcas de Noé, alimentando gostos e práticas fortemente sensorializadas. Assim, tendo em conta este universo, pretendemos, na medida do possível, “iluminar” alguns dos possíveis caminhos de investigação no domínio da literatura e da história da espiritualidade. Mas esta moldura permanece ainda bastante opaca e poderá, talvez, tornar-se mais clara, à medida que outra

documentação e outras fontes permitam a reconstrução deste 'puzzle' cultural e espiritual, através da comparação de dados.

## Referências bibliográficas

### Fontes

- Amor de Deus, Fr. M. do (1740). *Escola de Penitencia, Caminho de perfeição, estrada segura para a vida eterna. Chronica da Santa provincia de Santo Antonio da regular e estreita observância da ordem do seráfico Patriarca S. Francisco*, tomo I. Lisboa: na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galvão.
- Anónimo (1756). *Comedia Famosa El Arca de Noé*. Barcelona.
- Baltana Mejía. Fr. D. (1555). *Epitome y sumario de la vida y excelências de trece Patriarcas del Testamento nuevo, y de nueve muy esclarecidas Santas*. Sevilla.
- Bíblia Sagrada* (2002). Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica Franciscanos Capuchinhos.
- Facidel, Fr. R. A. (1761). *Vida de la Venerable Mariana Villalva y Vicente y de las de sus três hijas Sor Maria, Sor Margarita, y Sor Mariana escobar, del Orden de nuestra Señora del Carmen, en su convento de la Encarnacion de la ciudad de Zaragoza*. Pamplona: por Pasqual de Ibañez.
- Gusmão, P<sup>e</sup>. A. de (1734). *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Alegórico e moral*. Lisboa: na Officina de Bernardo da Costa.
- Marqués, Fr. A. (1964). *Afeite y Mundo Mujeril* (ed. com introdução de Fernando Rubio, O.S.A.). Barcelona: Juan Flors Editor.
- Marquez, Fr. J. (1612). *El Governador christiano deducido de las vidas de Moysen, y Iosue, Principes del Pueblo de Dios*. Salamanca: Francisco de Cea Tesa.
- Mértola, Fr. L. de (1626). *Vida de la bienaventurada Madre Soror Maria Magdalena de Pazzi*. Lisboa: por Geraldo da Vinha.
- Monforte, Fr. M. de (1751). *Chronica da provincia da Piedade*. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa.
- Niseno, Fr. D. (1636). *El gran padre de los creyentes Abrahan, en Moral enseñanza, i dotrina Predicable*. Madrid: María de Quiñones.
- Niseno, Fr. D. de (1637). *El Politico del cielo. Primera Parte. Hallado en las misteriosas acciones del Sagrado Patriarca Isac*. Madrid: María de Quiñones.
- Niseno, Fr. D. de (1638). *Segunda parte del politico del cielo. Hallado en las misteriosas acciones del sagrado Patriarca Iacob*. Madrid: María de Quiñones.
- San Jean Damascène (1961). *Homélies sur la Nativité et la Dormition*. Paris: Les Editions du Cerf.
- Santa Ana, Fr. B. de (1657). *Chronica de carmelitas descalços Particular do Reyno de Portugal y Provincia de Sam Felipe*, tomo I. Lisboa: na Officina de Henrique Valente de Oliveira.
- Santa Catarina, Fr. L. de (1977). *História de São Domingos* (introdução e revisão de M. Lopes de Almeida), vol. II. Porto: Lello & Irmão.
- Santo Agostinho (1993). *A Cidade de Deus*. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira (volume II, Livro IX a XV). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vieira, P<sup>e</sup>. A. (1688). *Maria Rosa Mystica. Excellencias, poderes, e maravilhas do seu rosario. II Parte*. Lisboa: na Impressão Craesbeeckiana.
- Yepes, Fr. D. (1614). *Vida, virtudes y milagros de la bien aventurada Virgen Teresa de Iesus, Madre y Fundadora de la nueva Reformacion de la Orden de los Descalços y Descalças de Nuestra Señora Del Carmen*. Lisboa.

### Estudos

- Andrade, M. F. de O. (1955). Reacção quinhentista da Filosofia Moral contra os Romances de Cavalaria. *Revista Portuguesa de Filosofia. Actas do I Congresso Nacional de Filosofia*, tomo XI, vol. II, fascs. 3-4, 455-457.
- Barbier, F. (2006). *L'Europe de Gutenberg. Le livre et l'invention de la modernité occidentale*. Paris: Belin.

- Barcellona, F. S. (1994). Dal modello ai Modelli. In G. Barone; M. Caffiero; F. S. Barcellona (Eds.), *Modelli di santità e modelli di comportamento* (pp. 9-18). Torino: Rosenberg & Sellier.
- Bataillon, M. (1995). *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI* (trad. de Antonio Alatorre). México: Fondo de Cultura Económica.
- Braida, L. (2000). *Stampa e cultura in Europa*. Roma-Bari: Editori Laterza.
- Caffiero, M. (1994). Tra modelli di disciplinamento e autonomia suggestiva. In G. Barone; M. Caffiero; F. S. Barcellona (Eds.), *Modelli di santità e modelli di comportamento* (pp. 265-278). Torino: Rosenberg & Sellier.
- Cardoso, A. P. (1987). *Da Antiga à Nova Aliança. Relações entre o Antigo e o Novo Testamento em Sebastião Barradas (1543-1615)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Carvalho, J. A. de F. (1970). Evolução na evocação de Cristo sofrante na Península Ibérica (1538-1630). In *Homenaje a Elías Serra Ráfols, II*. La Laguna: Universidad de La Laguna, p. 47-70.
- Carvalho, J. A. de F. (1981). *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o estudo da história da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII*. Porto: INIC/Centro de Literatura da Universidade do Porto.
- Carvalho, J. A. de F. (Dir.) (1988). *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade (1501-1700)*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa.
- Carvalho, J. C. (2005). O grande código bíblico entre descodificações e interconexões. *Via Spiritus*, 12, 155-171.
- Conrad, A. (1996). Il Concilio di Trento e la (mancata) modernizzazione dei ruoli femminili ecclesiastici. In P. Prodi; W. Reinhard (a cura di), *Il Concilio di Trento e il Moderno* (pp. 414-437). Bologna: Società Editrice il Mulino.
- Dinzelbacher, P. (1991). Nascita e funzione della santità mística alla fine del Medioevo Centrale. In *Les fonctions des saints dans le monde occidental (III<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècle)* (pp. 489-506). École Française de Rome.
- Dinzelbacher, P.; Bauer, D. R. (1993). *Movimento religioso e mística feminina nel Medioevo*, Milano: Edizioni Paoline.
- Domingues, J.; Gala, E.; Gomes, P. (2000). *Santo Agostinho na Cultura Portuguesa. Contributo Bibliográfico*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- Eisenstein, E. (1994). *La revolución de la imprenta en la Edad Moderna europea* (trad. Fernando Jesús Bouza Álvarez). Madrid: Akal.
- Fernandes, M. de L. C. (1995). *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa/ Faculdade de Letras do Porto.
- Fernandes, M. de L. C. (1999). Introdução a Fr. Luís dos Anjos, *Jardim de Portugal*. Porto, Campo das Letras.
- Fernandes, M. de L. C. (2000). Espiritualidade (Época Moderna). In C. M. de Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II (pp. 187-193). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Frye, N. (2002). *The Great Code: the Bible and Literature*. San Diego: Harcourt.
- Grafton, A. (1980). The importance of being printed. *Journal of Interdisciplinary History*, XI, 2, 265-283.
- Lezzi, Maria Teresa (1994). L'arche de Noé en forme de bateau: naissance d'une tradition iconographique. *Cahiers de Civilisation Médiévale (X<sup>e</sup>-XII<sup>e</sup> siècles)*, XXXVII Année, n.º 4 (Octobre-Décembre), 301-324.
- Maravall, J. A. (1980). *La cultura del Barroco. Análisis de una estructura histórica*. Barcelona: Ariel.
- Mendes, P. C. A. (2012). "Porque aqui se vem retratados os passos por onde se caminha para o Ceo": a escrita e a edição de "Vidas" de santos e de "Vidas" devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII) (Tese de Doutoramento, 2 vols.). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mendes, P. A. (2017). *Paradigmas de Papel: a edição de "Vidas" de santos e de "Vidas" devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM.
- Mendes, P. A. (2018). A devoção mariana na vida religiosa feminina: textos e práticas no Portugal de Seiscentos e de Setecentos". In M. A. F. Marques; H. Osswald (Coord.), *Devoções e sensibilidades marianas: da memória de Cister ao Portugal de hoje. Livro do XIII Encontro Cultural de S. Cristóvão de Lafões* (pp. 73-100). São Cristóvão de Lafões.
- Neveu, B. (1994). *Erudition et religion aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles*. Paris: Albin-Michel.

- Orozco Díaz, E. (1970). El tiempo, protagonista del drama del Barroco. In *Manierismo y Barroco*. Salamanca: Anaya.
- Osório, J. A. (2001). Um “género” menosprezado: a narrativa de cavalaria do séc. XVI. *Máthesis*, 10, 9-34.
- Pires, M. L. G. (1991). ‘Homo homini lupus’. Um tópico da moral barroca na obra de D. Francisco Manuel de Melo. In *Actas do I Congresso Internacional do Barroco* (Vol. II, pp. 269-275). Porto: Reitoria da Universidade do Porto/Governo Civil do Porto.
- Rozzo, U. (1994). Editoria e storia religiosa (1465-1600). In G. De Rosa; T. Gregory; A. Vauchez), *Storia dell’Italia Religiosa. 2. L’Età Moderna*. Roma-Bari: Editori Laterza.
- Santos, Z. C. (2002). Hagiografia. A prosa religiosa e mística nos séculos XVII-XVIII. In *História da Literatura Portuguesa: Da Época Barroca ao Pré-Romantismo* (volume 3, pp. 165-169). Lisboa: Alfa.
- Santos, Z. C. (2012). Sobre livros de cavalaria, leituras e leitores nos séculos XVI e XVII. In L. M. Mongelli (Org.), *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. Humanitas. [editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/669-677.pdf](http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/669-677.pdf). [Consultado em: 01/07/2012].
- Vauchez, A. (1988). *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge. D’après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. École Française de Rome.

## Resumo

Este artigo procura chamar a atenção para os moldes em que, na Península Ibérica, ao longo da Época Moderna, se destacou e valorizou o episódio veterotestamentário da Arca e a figura de Noé, declinando um quadro em que a religião e a espiritualidade assumem um destaque fundamental no domínio da cultura escrita, no sentido de reconhecimento da santidade e de alcance da perfeição cristã e da salvação eterna.

## Abstract

This article seeks to draw attention to the ways in which, in the Iberian Peninsula, in the Modern Age, the testamentary episode of the Ark and the figure of Noah were emphasized and valued, declining a framework in which religion and spirituality assume a fundamental highlight in the field of written culture, in the sense of recognizing holiness and achieving Christian perfection and eternal salvation.